

capítulo **3**

O marco simbólico



Um ambiente de fantasia serve de fundo de cena motivador para a vida de grupo na Alcatéia

A *atmosfera* da Alcatéia a que nos referimos no capítulo anterior se reforça com o ambiente de fantasia que, aproveitando a forma de pensamento das crianças, serve para desenvolver a proposta do Movimento de uma maneira compreensível para elas.

As crianças que estão na faixa etária do Ramo Lobinho podem acreditar em tudo e jogam com imagens, com personagens saídos de sua imaginação, dos contos infantis, da televisão, de sua vida diária. Mas o pensamento mágico dos anos anteriores se faz pouco a pouco menos presente e, assim, embora continuem representando personagens em suas brincadeiras, as crianças sabem que não o são e que tudo não passa de um jogo.

Em função dessa característica das crianças, a proposta do Movimento Escoteiro se torna mais atraente e efetiva quando está ligada a uma fantasia, a um marco simbólico, a um fundo de cena motivador que se reflete em contos, cantos, saudações, símbolos e códigos de todo tipo, mas que não menospreza a capacidade das crianças para perceber onde termina a fantasia e começa a realidade.

Não se trata, portanto, de substituir a realidade pela ficção, mas de colocar ao alcance das crianças uma forma de comportamento e um modelo de sociedade, por meio de símbolos e imagens, que serão para elas mais compreensíveis que as idéias e os conceitos.

O fundo de cena que se oferece às crianças dessa idade está associado à obra de Rudyard Kipling **O LIVRO DA JÂNGAL**, resumido em **MOWGLI, O MENINO-LOBO**, um dos *best sellers* do começo do Século XX, que Baden-Powell escolheu e utilizou, com a permissão do autor, para animar o Ramo Lobinho, e que se conserva atual, mesmo nos dias de hoje.

É fundamental que você leia uma versão completa de **O LIVRO DA JÂNGAL**, onde encontrará muitas histórias que poderá contar aos seus lobinhos e lobinhas. Vamos apresentar, neste capítulo, um resumo dessa obra tão valiosa.



A história de um povo livre:

o povo dos lobos



No interior da Índia, na jângal, onde poucos seres humanos puderam penetrar, vive a alcatéia de Seeonee, povo de lobos a que todos conhecem como o Povo Livre. Sua liberdade resulta da existência e do cumprimento de uma lei da alcatéia, antiga como a jângal e sábia como a natureza.

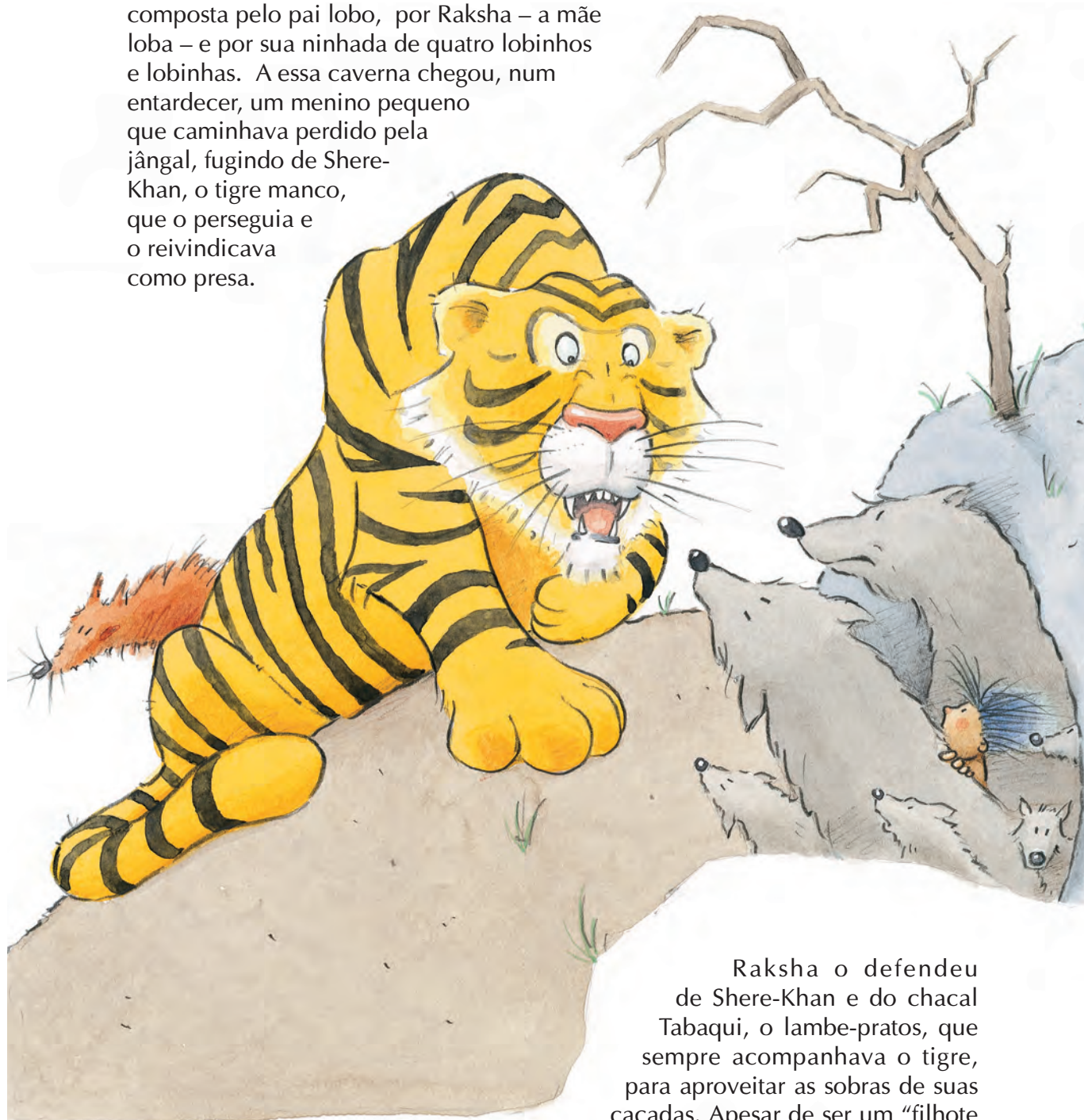
Seu chefe, um solitário e grande lobo cinzento de nome Akelá, os leva à caça e os faz regressar sãos e salvos, afastando-os do perigo. Todos os lobos o escutam e o respeitam, porque sabem que quem conduz a alcatéia é testemunho da lei, e só o cumprimento da lei mantém sua unidade e preserva sua dignidade como Povo Livre, admirado por todos por sua coesão, sua solidariedade, sua justiça e sua preocupação com a verdade.



Não muito longe das colinas de Seeonee se encontram as tocas frias, ruínas de uma antiga cidade abandonada onde se refugiaram os Bandar-log, bandos de macacos que passam a maior parte do tempo saltando pelas copas das árvores, supostamente ocupados em coisas que eles acreditam muito importantes: falar, gritar, virar cambalhotas, atirar coisas, sujar e, enfim, incomodar a todos os demais habitantes da jângal. Não é à toa que eles são conhecidos como o povo sem lei, e mais se destaca a dignidade do Povo Livre dos lobos quanto mais se observa o contraste de seu comportamento com a triste imagem de desorganização e falta de direção que caracterizam os Bandar-log.



Em uma caverna das colinas de Seonee vivia, há tempos, uma das famílias da alcatéia, composta pelo pai lobo, por Raksha – a mãe loba – e por sua ninhada de quatro lobinhos e lobinhas. A essa caverna chegou, num entardecer, um menino pequeno que caminhava perdido pela jângal, fugindo de Shere-Khan, o tigre manco, que o perseguia e o reivindicava como presa.



Raksha o defendeu de Shere-Khan e do chacal Tabaqui, o lambe-pratos, que sempre acompanhava o tigre, para aproveitar as sobras de suas caçadas. Apesar de ser um “filhote de homem”, Raksha o acolheu como

mais um dos seus filhos e lhe deu o nome de Mowgli, que quer dizer a rã, em razão da ausência de pêlos em seu corpo. No momento apropriado, o apresentaria aos demais membros da alcatéia, juntamente com seus outros filhotes.

A cada lua cheia a alcatéia se reúne na Roca de Conselho, em torno de uma pedra sobre qual fica seu chefe. Nessa ocasião, os pais apresentam seus novos filhotes, para que os demais os reconheçam e protejam, já que não são capazes de caçar por si próprios. Mas com Mowgli não foi fácil. Apesar da disposição de Akelá, muitos lobos, instigados por Shere-Khan, se opuseram a aceitá-lo como membro do Povo Livre, em parte porque não era normal que um filhote de homem pertencesse a uma alcatéia e, em parte, porque todos já sabiam que o tigre coxo o reclamava como sua propriedade.

A lei da jângal diz que, quando há disputa sobre a aceitação de um filhote na alcatéia, deve haver duas testemunhas, que não sejam seus pais, que defendam sua aceitação. Baloo, o urso pardo – que apesar de não ser um lobo tinha direito de participar do Conselho, já que era o encarregado de ensinar a lei aos lobinhos – foi quem primeiro defendeu a incorporação de Mowgli, e ninguém mais quis apoiá-lo.



Mas a lei também diz que a vida de um filhote em disputa pode ser salva a um preço estipulado, e não diz quem pode ou não pode pagar esse preço; por isso Bagheera, a pantera negra, que rondava a reunião do Conselho, pediu licença para intervir e ofereceu um touro recém caçado

em troca da vida de Mowgli, preço que logo foi aceito pelos lobos.



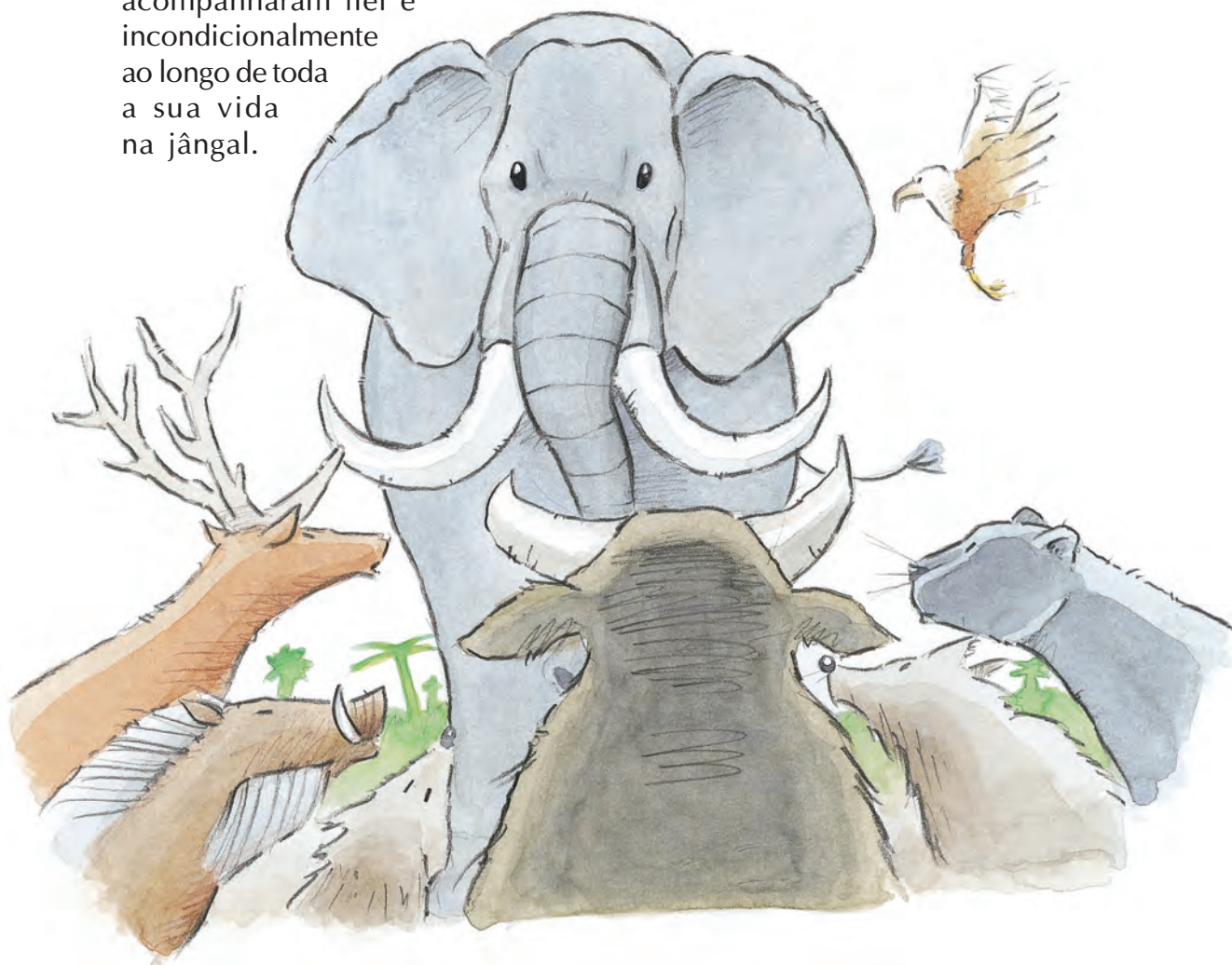
A partir de então, contrariamente ao que muitos pensavam, Mowgli pode viver feliz na jângal, como mais um lobinho, aos cuidados amorosos de Bagheera e sob os ensinamentos ao mesmo tempo severos e ternos de Baloo.

Bagheera lhe ensinou a destreza nas caçadas, a forma de se mover rápida e silenciosamente em meio à densa vegetação da jângal, a necessidade de estar atento a todos os seus sons e movimentos; mas também o protegeu e o mimou de tal forma que, se não fosse Baloo, Mowgli teria se convertido em um menino insuportável, malcriado e vaidoso.

Baloo deu a Mowgli as lições de que necessitava para viver na jângal em paz com os demais animais, ensinou o que manda a lei da jângal e lhe disse quais eram as palavras mágicas para pedir proteção ou evitar que os demais animais lhe fizessem mal. Severo, lento de movimentos e respeitado por todos por ser sábio e porque a ninguém incomodava, Baloo era a fonte de aprendizagem de todos os valores que deviam respeitar os que desejassem crescer em Seeonee.

Bagheera e Baloo, enfim, ensinaram a Mowgli tudo o que faria dele um digno membro do Povo Livre – solidário com o destino dos seus – e um personagem muito destacado na jângal, numa perfeita combinação das virtudes dos animais com a sabedoria e a inteligência dos homens.

Mas Baloo e Bagheera não eram seus únicos amigos. *Kaa*, a velha serpente píton com mais de nove metros de comprimento, que sempre tinha uma idéia inteligente ou uma sugestão original, o ensinaria a planejar a defesa e o ataque de maneira sábia e meticulosa. Com a morte de Raksha e do pai lobo, Akelá – o chefe da alcatéia – seria para Mowgli como seu pai e sua mãe ao mesmo tempo, a ele lembrando que, apesar de tudo, jamais deixaria de ser um homem e que algum dia regressaria à aldeia dos homens. Os quatro filhotes de Raksha, especialmente o *Lobo Gris*, o acompanharam fiel e incondicionalmente ao longo de toda a sua vida na jângal.



Muitas aventuras teria Mowgli durante sua infância e sua juventude na jângal, como naquela vez em que os Bandar-log o levaram para as tocas frias e lá o retiveram, até que Baloo, Bagheera e Kaa o resgataram, depois de um feroz combate. Ou a dramática época da seca, quando descobriu, pela boca de *Hathi*, um velho e sábio elefante, a razão pela qual Shere-Khan se comportava com tanta maldade. Ou a vez em que, finalmente, Mowgli caçou o tigre coxo, lançando sobre ele uma manada de búfalos de que Shere-Khan não pode fugir, terminando seus dias debaixo de suas patas.



Também há que se recordar a emocionante aventura em que, junto com Bagheera, rastreou e recuperou o “Ankus do Rei”. Ou a batalha contra os doles em que, depois de fazer com que milhares de abelhas os picassem, organizou a alcatéia de Seeonee para que deles se livrasse, finalmente. Sem esquecer as ocasiões em que Mowgli teve contato com a aldeia dos homens, até que conheceu a mãe que o havia perdido muitos anos antes. E, finalmente, a terna aventura na qual Mowgli, já adolescente, se despediu de seus amigos de Seeonee e deixou a jângal para viver entre os seus, como devia fazê-lo e como Akelá lhe disse que aconteceria.

Outras histórias de O LIVRO DA JÂNGAL

Como a história da alcateia de Seeonee, outros contos extraídos de *O LIVRO DA JÂNGAL*, trazem bom ensinamento e, por isso, são considerados no programa do Ramo lobinho.

Entre eles se destaca a história de *Rikki-tikki-tavi*, um mangusto afável e carinhoso que se encarrega de demonstrar toda sua força e valor quando tem que defender uma criança e sua família do ataque de um par de venenosas cobras negras, enfrentando-as e caçando-as de maneira admirável.

Também se deve mencionar *Kotick*, a foca branca que realiza uma longa busca pelo Pacífico até encontrar uma praia onde seu povo pudesse viver a salvo dos caçadores. Sua vocação solidária o leva a regressar ao Ártico, onde luta para convencer seus apáticos semelhantes que devem mudar de vida, transferindo-se para novas terras e fazendo valer os seus direitos.

Você encontrará muitos outros episódios interessantes em *O LIVRO DA JÂNGAL*. Insistimos em que, lendo-o em sua versão mais completa, você se tornará capaz de deslumbrar as crianças, contando-lhes depois histórias fascinantes.

Por que a história do Povo Livre foi escolhida como fundo de cena para o ambiente da Alcateia?

O LIVRO DA JÂNGAL é uma fábula; como todas as fábulas, é uma composição literária que, por meio da ficção e da personificação dos animais, oferece um ensinamento ou propõe determinados valores.

A beleza de seus relatos e a enorme variedade dos modelos de comportamento e relações sociais apresentados permitem que sua atração não se acabe com o passar do tempo e que continue sendo útil para que meninos e meninas brinquem e, ao mesmo tempo, reforcem de maneira espontânea suas convicções.

Neste período da vida, as crianças adquirem progressivamente os valores e as normas de conduta de seus pais e da sociedade em que vivem. Esses valores e essas normas de conduta se transmitem por muitos meios, mas, sem dúvida, serão mais atraentes e compreensíveis se forem encarnados em personagens fantasiosos com os quais as crianças se identificam.

É muito mais fácil para o adulto, e atraente para as crianças, participar de uma apresentação artística que mostre uma paisagem da jângal em que se destaca a solidariedade entre os personagens, do que falar durante longo tempo sobre a solidariedade, como conceito.

Profundo conhecedor do homem e da sociedade humana, Kipling faz nesta fábula uma análise crítica da sociedade do seu tempo e projeta em seus personagens muitos dos modelos habituais de conduta.

Sem dúvida, a obra foi escrita para adultos, mas depois de conhecer muito bem seu conteúdo, o adulto pode passá-lo às crianças, contando-lhes seus inúmeros episódios.

A história do Povo Livre apresenta uma grande quantidade de valores e modelos a imitar ou rejeitar

É certo que, na realidade, os lobos, os macacos e os demais animais da jângal não são como a fábula os apresenta, mas representam símbolos que nos permitem chegar à alma infantil.

E o símbolo nos mostra, por exemplo, o contraste entre dois povos com estilos de vida ou formas de agir muito diferentes, simbolizando atitudes com que nos defrontamos continuamente na vida e ante as quais devemos optar.

A alcatéia de Seeonee é uma sociedade reconhecida na jângal por sua capacidade de organização. Em contraposição aos macacos, o povo sem lei, os lobos têm uma sociedade baseada na idéia de pertencer à alcatéia e no cumprimento da lei, o que faz deles um povo respeitado pelos demais. Sem ordem, sem solidariedade, sem metas claras para alcançar e sem constância para chegar a elas, não se pode ser livre, se é um Bandar-log.

E ser Bandar-log é uma coisa muito diferente, é viver sempre no ar e, lá de cima da copa das árvores, olhar, criticar, espalhar boatos, fazer barulho, mas nunca pisar em terra firme, jamais assumir uma responsabilidade nem se comprometer com qualquer projeto.

Em meio à sociedade dos lobos, o pequeno Mowgli aprende a ser livre por meio da solidariedade à alcatéia e do respeito à lei. A sabedoria e a bondade dos velhos lobos o ensinam a distinguir os exemplos que deve imitar e a ter cuidado para não assumir atitudes que, na fábula, se atribuem à estupidez dos Bandar-log ou à maldade de Shere-Khan.

Cada história que se vive ou que se escuta na Alcatéia representa um novo ensinamento; nessas histórias, os personagens mostram atitudes e valores que é possível identificar na vida cotidiana.

Sempre tropeçaremos com atitudes próprias de um Tabaqui (hipocrisia, servilismo, covardia); ou de um Shere-Khan (astúcia, prepotência, crueldade); ou de um Bandar-log (indisciplina, ignorância, irresponsabilidade, inconsciência) ou de um Buldeo (vaidade, presunção, arrogância).

Mas também encontraremos valores e atitudes próprias de amigos verdadeiros como Baloo (sabedoria, retidão, bondade, rigor); ou Bagheera (sagacidade, agilidade, destreza, capacidade de observação, ternura); ou Akelá (valor, determinação, experiência, honestidade, autoridade); ou Kaa (inteligência, experiência, engenhosidade); ou *Hathi* (força, conhecimento); ou *Raksha* (valor, ternura).



Cada um dos animais da jângal encarna uma personalidade distinta. Não quer dizer que todos os ursos sejam como Baloo e todos as panteras como Bagheera. As características que se associam aos animais que aparecem na história são essencialmente humanas. Por isso, quando falarmos mais adiantes de alguns animais que simbolizam certas áreas de desenvolvimento, não falaremos, por exemplo, de como são as panteras ou as serpentes mas, especificamente, de Bagheera e de Kaa, a pantera e a serpente de O LIVRO DA JÂNGAL.

Além do mais, a história apresenta os animais se movendo em meio a *organismos e conjuntos sociais* tais como “a alcatéia”, “os amigos da alcatéia”, “os homens” e os “inimigos da alcatéia”. Também cria distintos *cenários* onde atuam esses animais, como “as colinas de Seeonee”, “as tocas frias”, “a Roca do Conselho”, “o rio Waingunga”, “a aldeia dos caçadores” e muitos outros.

Essa contínua interação entre personagens, grupos e lugares dá à história uma coerência que permite recriá-la constantemente, apresentando às crianças distintas situações com um mesmo fio condutor.

Como utilizamos essa história para enriquecer a vida de grupo na Alcatéia?

Os recursos educativos que os escotistas podem utilizar com este objetivo são fundamentalmente dois:



A transferência simbólica do ambiente dos lobos da alcatéia de Seeonee para a Alcatéia que as crianças integram



Assim como a alcatéia da jângal conta com Akelá, a nossa conta com escotistas responsáveis que acompanham as crianças em sua descoberta do mundo.

Como ocorria nas colinas de Seeonee, a Alcatéia de lobinhos e lobinhas se reúne a cada certo tempo na Roca do Conselho, para discutir assuntos importantes que a todos interessam, exercitando dessa maneira o aprendizado da democracia.

Da mesma maneira, lobinhos e lobinhas permanecerão na Alcatéia até poderem “caçar” por sua própria conta e, enquanto isso, aprenderão a Lei do Lobinho, como os lobos aprendem a lei da jângal.

Como nos exemplos anteriores, essa *transferência da situação fictícia para a situação real* está presente em muitos outros aspectos da vida da Alcatéia, como veremos em diferentes partes deste Manual.



A evocação constante dos episódios ocorridos na jângal

Esta evocação se realiza por diversos meios: relatos, narrações coletivas, dramatizações, cantos, danças, caracterizações, mímicas, desenhos e muitos outros.

É importante que as crianças sejam atores, e não simples espectadores em tais atividades. Dessa forma, os episódios da jângal serão vividos de maneira divertida, cativando a mente e a imaginação. Só assim lobinhos e lobinhas sentirão que conhecem Kaa, Baloo, Bagheera e os demais personagens da história do Povo Livre.



A evocação constante exige que você se familiarize com esses personagens. E isso só se consegue lendo várias vezes **O LIVRO DA JÂNGAL**, de maneira a poder identificar aqueles detalhes que devem ser destacados para pôr em relevo determinados valores ou modelos de conduta que serão propostos às crianças.

Mas não basta ler. É imprescindível que você aprenda a motivar e a narrar. Os escotistas da Alcatéia devem ser excelentes contadores de histórias. Se os escotistas usam a imaginação, lobinhos e lobinhas também a usarão.

Quando se conta uma história a uma criança, ela se vê a si mesma fazendo o papel de herói e se sente presente ao local onde acontecem os fatos da história, fazendo as mesmas coisas, sendo valente e vencendo todas as dificuldades. A criança é um herói que vive a história e a história viverá em sua memória durante muito tempo, provavelmente por toda a vida. E os personagens da história terão cumprido sua missão: convidar a assumir determinados valores e condutas e aprender a rejeitar outros.



Nos Guias destinados aos lobinhos, várias histórias serão contadas às crianças. Algumas se apresentam incompletas, para que os escotistas as completem e façam as crianças participarem mais ativamente de seu desenvolvimento e apresentação, utilizando um dos vários meios anteriormente sugeridos. Além do mais, no Capítulo 10 deste Manual, você encontrará várias recomendações sobre a arte de contar histórias.

Nomes e símbolos

Como já vimos, a *transferência simbólica* e a *evocação constante* dos acontecimentos da jângal dão origem a uma série de nomes e símbolos com os quais meninos e meninas convivem constantemente.

Alguns se originam na história do Povo Livre: as palavras Lobinho, Matilha, Alcateia, Flor Vermelha, Livro de Caça, Roca do Conselho; o conceito de gruta, o significado do Grande uivo, entre outros.

Esses são reforçados por outros que se originam na tradição do Movimento Escoteiro, tais como o uniforme, a cor e a bandeira do Ramo, o hino do Lobinho, a saudação, o aperto de mão, etc.

Lobinhos, Lobinhas e Velhos Lobos... uma Alcateia

Os meninos e meninas que pertencem a uma Seção do Ramo Lobinho são chamados, respectivamente, de *lobinhos e lobinhas*, que quer dizer filhotes de lobos que iniciaram seus passos na Vida do Povo Livre. Como já dissemos, eles não acreditam que são animais, nem se comportam como tal, mas brincam de sê-lo como dentro de um grupo que tem uma determinada forma de organização e que se identifica com seus próprios sinais e símbolos.



A Seção, o grupo que todos integram, recebe o nome de *Alcateia*: uma sociedade de crianças que, a exemplo dos lobos, decidiu viver sob uma mesma Lei onde cada um é importante. A força da Alcateia reside em que seus membros age como grupo que toma suas próprias decisões: escuta, convive, respeita e ajuda aos outros; cresce e aprende em conjunto.

As matilhas de uma Alcateia são historicamente nomeadas de acordo com a recomendação de Baden-Powell, "cada matilha tem o nome de um lobo de cor diferente: Matilha do Lobo Preto, do Lobo Cinzento, do Lobo Branco, do Lobo Vermelho, do Lobo Castanho". (Manual de Lobinho, 1916). É por isso que as matilhas das nossas Alcateias atuais usam esses nomes: Matilha Branca, Matilha Cinza, Matilha Preta e Matilha Vermelha. Alternativamente, podem existir a Matilha Marrom, a Matilha Amarela, a Matilha Castanha.

A Alcateia tem *líderes* que a conduzem ao sucesso. Assim como Akelá, o responsável pela alcateia e seus Assistentes conquistam o respeito do Povo Livre em razão de suas qualidades e de suas capacidades, porque põem sua experiência a serviço de todos, porque escutam a todos antes de decidir e porque decidem o que todos querem desde que esteja correto diante da Lei.

Para dar mais ênfase ao fundo de cena do Ramo Lobinho, os escotistas podem ser chamados por nomes dos personagens da jângal que ajudem a evocar os valores que adotamos por princípios.

Uma gruta

A Alcateia vive em uma gruta, o abrigo onde os lobos se reúnem para planejar suas caçadas e para o convívio cotidiano ou extraordinário. A gruta é a sala da Alcateia, que as crianças decoram relacionado com o fundo de cena (Jângal e Mowgli).

Uma Alcateia necessita de um local próprio e exclusivo onde instalar sua gruta. Se, por razões de ordem prática ou por outras restrições, não é possível dispor desse local, deve-se dispor, pelo menos, de um espaço mínimo onde a Alcateia possa guardar os testemunhos de sua vida em comum e o material que utiliza para suas atividades, na sede ou no campo.

Em qualquer caso, a equipe de escotistas da Alcateia deverá se empenhar ao máximo para obter uma gruta e, uma vez alcançado esse intento, motivar as crianças para que a mantenham em boas condições.



Uma saudação

Na jângal, as palavras mágicas "tu e eu somos do mesmo sangue" permitiam que todos se reconhecessem. Lobinhos e lobinhas de todo o mundo se saúdam por meio de um gesto só deles: levantam o dedo médio e o indicador da mão direita em "V", dobram o polegar sobre os outros dois dedos e encostam o dedo indicador na testa do lado do olho direito, enquanto que os dedos mínimos e anelar são flexionados sobre a palma da mão e encobertos pelo dedo polegar, representando a proteção que os maiores devem oferecer aos menores.



Essa saudação - que foi adotada em outros ambientes como sinal de paz e também de vitória - recorda aos lobinhos seu vínculo com o Povo Livre. Junto com essa saudação, lobinhos e lobinhas se cumprimentam com a mão esquerda, costume adotado por Baden-Powell depois de seu encontro com a tribo africana dos Ashanti, que dessa forma expressavam confiança, já que para dar a mão esquerda deviam largar o escudo que os protegia.

Para completar, os lobinhos dizem "Melhor Possível", lema que significa a disposição em fazer tudo da melhor maneira que podem.



Um vestuário típico e um conjunto de distintivos

Lobinhos e Lobinhas usam um vestuário que os identifica e que foi desenhado para permitir realizar atividades com comodidade, bem como para evitar que a roupa seja motivos de diferenças entre eles. Há diferentes versões e suas descrições encontram-se no P.O.R.

O vestuário escoteiro permite, além disso, a exposição de alguns símbolos, como os distintivos de identificação e aqueles que foram conquistados pela criança.

Uma das peças mais importantes do vestuário é o Lenço Escoteiro, um pedaço triangular de tecido com cores e inscrições que identificam o Grupo Escoteiro ao qual pertence a Alcateia e permite identificar os escoteiros em toda parte do mundo e em todas as épocas. Ele é usado enrolado e preso por meio de um anel de couro ao redor do pescoço.

Os Distintivos que identificam o Grupo Escoteiro ao qual pertence à Alcateia servem para mostrar que a Alcateia faz parte de uma comunidade local que, por sua vez, se vincula a uma organização de alcance nacional, parte de uma fraternidade mundial. São eles: o numeral do Grupo Escoteiro, o listel da Região Escoteira, o Distintivo "Escoteiros do Brasil" e o distintivo da Organização Mundial do Movimento Escoteiro. Também compõe esse grupo o distintivo anual, indicando que o portador está registrado na UEB naquele ano.





O Distintivo de Matilha é um pequeno triângulo de cor correspondente a uma das pelagens de lobo - branco, vermelho, preto, cinza, marrom, amarelo, ou castanho – cor esta que dá nome à Matilha.

O Distintivo de Promessa é usado por todos os lobinhos e lobinhas do mundo que decidiram prometer que serão sempre melhores, que amarão a Deus e ao seu país e que cumprirão a Lei do Lobinho.

Os Distintivos de Progressão, que se sucedem uns aos outros, reconhecem o mérito das conquistas realizadas em cada etapa de sua progressão pessoal.



Pata tenra



Saltador



Rastreador



Caçador



Cruzeiro do Sul

Os distintivos de Especialidades e da Insígnia Mundial de Meio Ambiente, que dão testemunho das habilidades específicas de cada um.



Distintivos de Especialidades



Insígnia Mundial de Meio Ambiente

Existem outros distintivos usados no Ramo Lobinho: o do Ramo Lobinho (usado no boné), o de Primo, o de Segundo, as estrelas de atividades...



Distintivo do Ramo Lobinho



Estrelas de Atividades



Primo e Segundo

As descrições desses distintivos e as regras para sua colocação no vestuário escoteiro estão no P.O.R.

Uma cor e uma bandeira

Inicialmente, todos os distintivos escoteiros eram bordados em amarelo sobre um fundo verde; por isso, a cor verde é tradicionalmente associada ao Ramo Escoteiro.

Quando foi necessário estender o Movimento a crianças menores, se escolheu o amarelo - já utilizado como uma das cores próprias do Movimento Escoteiro - para servir como cor de identificação do Ramo Lobinho. Esta tradição se conserva até hoje, na maior parte das associações escoteiras do mundo.

Outro elemento de identificação da Alcateia, que geralmente ocupa um lugar de destaque na gruta e em algumas atividades, é a bandeira da Alcateia, na cor amarela e ostentando o desenho escolhido pela Seção. Ela tem a forma retangular e suas medidas são 98 cm de comprimento por 68 cm de largura.



Um totem

Seguindo o costume de alguns povos, as Alcateias adotam um animal simbólico – o lobo – e o colocam no topo de um totem que representa a união de todos os membros do Povo Livre.

O bastão – totem da Alcateia contém fitas com os nomes dos lobinhos e nelas são gravadas as suas conquistas.



As fitas, de material e tamanho escolhidos pelas Alcateias, podem ter as cores das matilhas ou ser amarela, a cor do Ramo Lobinho. Cada Alcateia decora o seu totem à sua maneira, podendo gravar no bastão os nomes dos Velhos Lobos.

O bastão – totem é um talismã coletivo, representa a unidade da Alcateia e está presente em todas as ocasiões importantes para a Alcateia, podendo ser portado por qualquer lobinho ou Velho Lobo.

Um hino para a Alcatéia

Existem varias canções que expressam de maneira muito bonita os valores do Povo Livre e a fraternidade dos lobinhos. As que apresentam aqui não podem faltar no cancionero de sua Alcateia.

HINO DO LOBINHO

Irmão de lobo nasci
De um povo livre e valente
A selva onde eu cresci
Me deu um Deus e uma lei
Akelá, escuto tua voz
E sigo as tuas pegadas
Bagheera e Baloo
São os amigos que me levam
A avançar, sempre melhor!
Povo livre, avançar!
Com vocês, hei de ser
Cada dia melhor



In-mã-o de lo-vo nas-ci de um
 po-vo li-vre e va-len-te A sel-va on-de eu cres-
 ci me deu um DEUS e uma lei A-ke-las-u-to tua
 voz E sigo as tu-as pe-ga-das Ba-
 quee-ra e Ba-loo São os a-mi-gos que me le-vam
 A-avan-çar sem-pre mel-hor Po-vo li-vre a-avan-çar!
 Com vo-cês hei de ser ca-da di-a mel-hor

A ná Mow-gli cor-me e
 sal-ta Com os lo-vo vai ca-çar des-te-
 mi-do pe-la jân-gal na-da te-me de Shere-
 Khan E na Ro-ca do Con-se-lho vai fa-
 zer o gran-de ui-vo E a-pren-deu a não dar
 bo-las dos ma-ca-cos ban-dan-logs

CANÇÃO DE MOWGLI

A rã Mowgli, corre e salta
Com os lobos vai caçar
Destemido pela jângal
Nada teme de Shere-Khan
E na Roca do Conselho
Vai fazer o grande uiivo
E aprendeu a não dar bola
Aos macacos bandarlogs
Akelá o orienta
A viver em Seeonee
E a todos vai ensinando
Pouco a pouco a sorrir
Obedece aos velhos lobos
E diz sempre a verdade
Sempre alegre e sempre
limpo
Ajudando os demais

A FLOR VERMELHA

A Flor Vermelha iluminará
Alcateia dança ao seu redor
Vamos dançando nossa lei cantar
Com o cair do sol

Ouve de Baloo todas as lições
Alcateia dança ao seu redor
Boas caçadas assim conseguirão
Com o cair do sol

Tu e eu somos irmãos
E do mesmo sangue
Teu rastro vai junto ao meu rastro
Minha caça é para ti

Tu e eu somos irmãos
E do mesmo sangue
Teu rastro vai junto ao meu rastro
Minha caça é para ti

A musical score for the song "A Flor Vermelha" in 2/4 time. The score is written on a single staff with a treble clef and a key signature of one flat (Bb). The lyrics are written below the notes. The score includes several measures with notes and rests, and some notes are labeled with "FA" or "DO". The lyrics are: "A flor vermelha i-lu-mi-na-rá Alca-tei-a dan-ça ao seu re-dor. Va-mos dan-çar-do nos-sa lei cân-tar, com o ca-ir do sol. Tu e eu so-mos ir-mã-os e do mes-mo san-que. Teu ras-tro vai jun-to a meu ras-tro, mi-nha ca-ça é pa-ra ti."

Como dançar:

Os lobinhos formam um círculo. Ao falar "flor vermelha", fazem movimentos com as duas mãos como que desenhando o fogo e em "iluminará" fecham e abrem as mãos indicando o fogo crepitando. Todos dão as mãos e rodam para a direita cantando "Alcateia dança ao seu redor"; rodando agora para a esquerda, cantam o verso "Vamos dançando nossa lei cantar" e em "com o cair do sol" param e mostram com as mãos o movimento do sol se pondo. Então se viram um para o outro, em pares, e cantam "tu e eu somos irmãos", apontando o outro depois a si mesmo. Ao cantar "e do mesmo sangue", apontam a parte interna do próprio pulso. Com as duas mãos em paralelo desenharam um caminho sinuoso enquanto cantam "teu rastro vai junto ao meu rastro". Em "minha caça é para ti", apontam para si e depois para o outro.

Todos reassumem a posição inicial e cantam "Ouve de Baloo todas as lições" colocando as mãos em concha nas orelhas. Depois dão as mãos e repetem os movimentos da primeira parte até o final.



O Livro de Caça

Dentro das tradições que fazem parte da sua história, algumas Alcatéias costumam organizar um livro no qual os lobinhos deixam o testemunho de suas múltiplas “caçadas” e aventuras, seja escrevendo suas anotações e impressões, seja ilustrando-o com fotos, desenhos e pequenas recordações.

Este livro oferece uma excelente oportunidade para que as crianças se expressem e permite manter um registro das tradições da Alcatéia.



O marco simbólico é parte da vida de grupo, mas não é toda a vida de grupo

O marco simbólico é um pano de fundo, um referencial que enriquece a vida de grupo e apoia a tarefa educativa, mas não é um fim em si mesmo. Assim sendo, não é conveniente abusar dele e fazer dos símbolos uma espécie de ritual que acabe confundindo a forma com o fundo, que afaste a Alcatéia de seus objetivos fundamentais e que se converta em uma pesada carga para as crianças.



A história do Povo Livre, sua transferência para a Alcatéia, os episódios que a evocam e os símbolos a que dá origem, são um “marco” que motiva, anima e enriquece a vida de grupo. O marco simbólico deve operar em harmonia com todos os outros elementos do Método Escoteiro.

